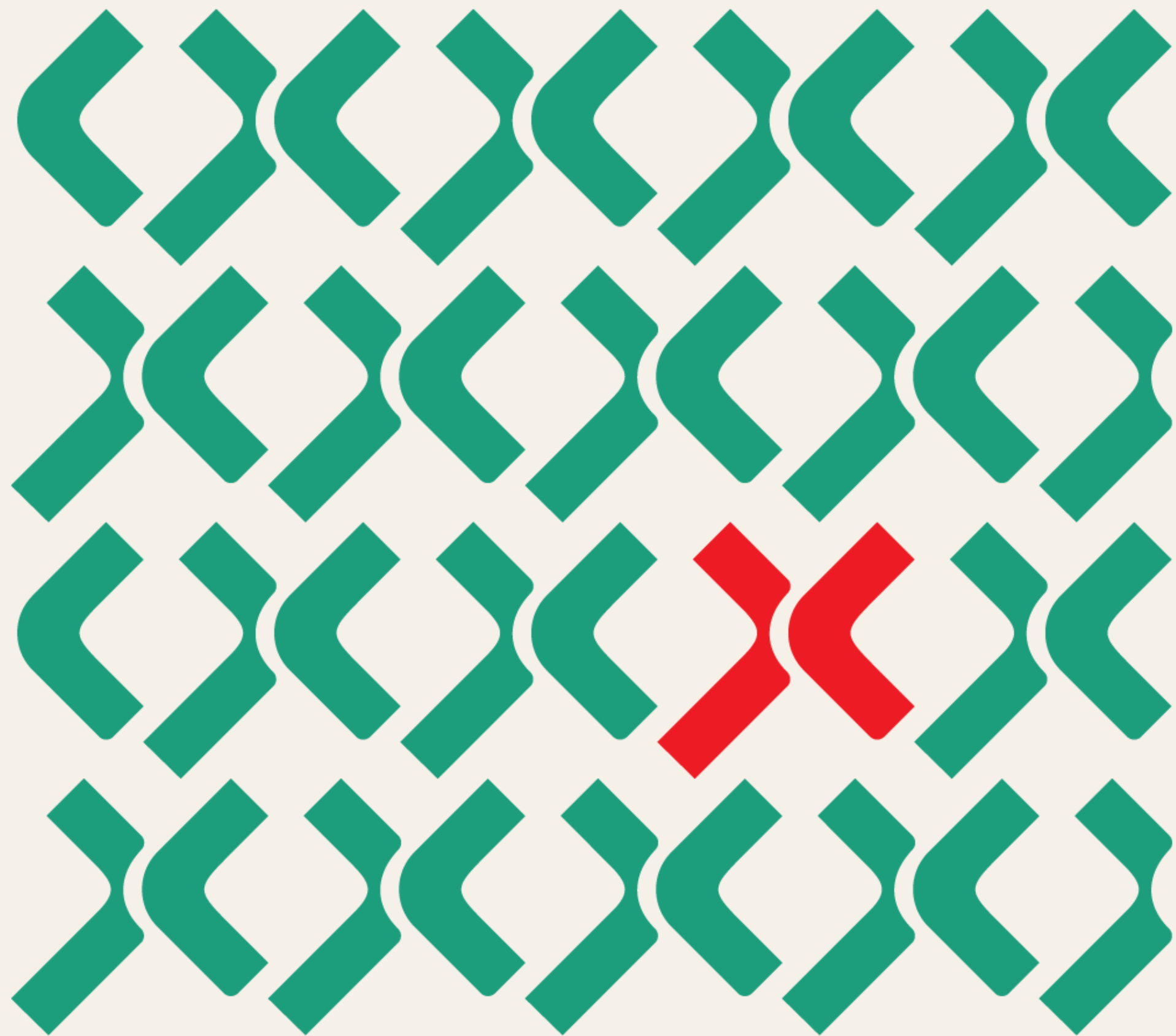




sínodo diocesano

Ser Porto

formar . reformar . transformar

Subsídio de apoio

Índice

Uma primeira nota para <i>Sintonizar o Sínodo</i>	pág. 2
I. Carta Pastoral para o Sínodo Diocesano 2026 – 2028	pág. 3
II. Hino do Sínodo Diocesano	pág. 8
III. Oração pelo Sínodo Diocesano	pág. 16
IV. Calendário do Sínodo	pág. 18
V. <i>Sintonizar o Sínodo</i> : Encontros Vicariais	pág. 21
VI. Descrição do método da <i>Conversação no Espírito</i>	pág. 32
VII. Perguntas frequentes sobre o Sínodo Diocesano	pág. 36
VIII. Ligações úteis	pág. 41

Uma primeira nota para *Sintonizar o Sínodo*

Oferecemos este subsídio como um instrumento de apoio a todo o itinerário do Sínodo Diocesano do Porto 2026–2028, guiado pelo lema: *Ser Porto: Formar – Reformar – Transformar*.

Trata-se de um conjunto integrado de textos fundamentais, que nos ajudam a *sintonizar o Sínodo*, a compreendermos melhor a sua natureza eclesial, o seu método espiritual e a sua finalidade missionária, para caminharmos juntos e falarmos todos a mesma linguagem.

Mais do que um guia informativo, este documento é um instrumento facilitador da comunicação e da participação de todos.

Convidamos cada um a usar este recurso, para se envolver ativamente neste percurso sinodal, partilhando a sua voz, exercitando a escuta fraterna e assumindo um compromisso corresponsável ao serviço da vida e da missão da nossa Igreja do Porto.

Secretaria-Geral do Sínodo Diocesano do Porto,
Setembro de 2026

I.
**Carta Pastoral para o Sínodo Diocesano
2026 – 2028**

Ser Porto
Formar – Reformar – Transformar

Aos irmãos e irmãs, presbíteros, diáconos, consagrados e fiéis leigos da nossa querida diocese do Porto: graça, paz e bem da parte de Deus nosso Pai!

É a missão que nos move

1. Com alegria e esperança iniciamos este caminho sinodal, acolhendo-o como um evento de graça e um “tempo favorável” (2 Cor 6, 2) concedido por Deus à nossa Igreja diocesana. Queremos vivê-lo como oportunidade para consolidarmos a nossa identidade e pertença cristãs e como ocasião para, juntos, discernirmos caminhos que favoreçam a conversão e dinamizem a missão. Movidos pelo desejo de colaborar com Deus, abrimo-nos à novidade do Espírito e, com o coração ardente (Lc 24, 32), renovamos o compromisso de servir e de anunciar a todos o Evangelho (Mt 28, 19). Acompanha-nos a gratidão ao Senhor da Messe que nos convoca e envia, bem como a quantos nos precederam nesta caminhada de fé e contribuíram para a Igreja que somos.
2. Mais do que um olhar para dentro, cuja preocupação seria organizar estruturas ou decidir sobre algumas regras, o sínodo é uma oportunidade para acolhermos a graça inspiradora de Deus e mergulharmos na própria natureza da Igreja, entendida como um organismo vivo que caminha e se transforma. Desta forma, o sínodo contribuirá “para configurar a fisionomia pastoral da Igreja particular” (*Congregação para os Bispos, Instrução sobre os sínodos diocesanos. Introdução, n.º 3*), tornando-a mais participativa e missionária, isto é, “mais capaz de caminhar com cada homem e mulher irradiando a luz de Cristo” (*XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, Documento Final, n.º 28*).
3. Nesta caminhada, somos impulsionados pelo desejo de fidelidade ao Senhor que nos envia aos irmãos para lhes anunciar o Evangelho. Aspiramos à consolidação de uma Igreja missionária, viva e atenta às realidades que a formam, presente nos diferentes meios e solícita para servir. O processo sinodal será a expressão visível desta comunhão e participação, contribuindo para concretizar uma missão que se reinventa neste tempo exigente e neste chão que nos define: a nossa diocese do Porto. É a missão que nos move.

Somos um Povo a caminho

4. Convocada pelo Senhor, a Igreja caminha na história como Povo de Deus, enviada como fermento para a edificação do Reino (LG 9). É um corpo vivo, enriquecido pela diversidade dos membros e pela comunhão de dons que o Espírito Santo em todos infunde. Cada discípulo, habitado e movido pelo Espírito, é chamado a ler os sinais dos tempos (Mt 16, 3) e a abraçar a missão de testemunhar Jesus Cristo com coragem e discernimento. Nesse sentido, o sínodo pretende, precisamente, realçar esta escuta ativa do Espírito que habita em cada batizado, colhendo dela a luz necessária para o discernimento e o caminhar da nossa Igreja diocesana. E nesta caminhada, nunca estamos sós: o amor de Deus é a nossa luz e conforto.
5. Caminhamos como peregrinos da eternidade, enviados a manifestar no tempo presente o amor de Deus que salva. E embora o Evangelho permaneça o mesmo, a missão pede-nos criatividade pastoral, novas formas de presença e um renovado ardor perante os desafios de hoje (EG 33). Por isso, tal como em Jerusalém (At 15), a Igreja reúne-se para melhor se inspirar e projetar o seu anúncio, movida pelo impulso missionário e pela vontade de chegar a cada pessoa com a mensagem de libertação que recebeu do Senhor.

Convidados a testemunhar num mundo em mudança

6. Atenta às exigentes circunstâncias e ao apelo por um novo vigor evangelizador, a nossa diocese assume o desafio de responder aos sinais dos tempos sem demora (GS 4). Se outrora a fé cristã moldava largamente os seus residentes, hoje reconhecemos a sua fragilidade: a indiferença cresce, a pertença e a prática desvanecem e o nosso testemunho nem sempre é coerente. A rápida urbanização distanciou-nos da *civilização paroquial*, onde acreditar e pertencer caminhavam de mãos dadas e em que a fé herdada era assumida, praticada e transmitida. Numa cultura fragmentada e polarizada, onde a imagem da instituição eclesial surge por vezes ferida, a tradição cristã perde força e muitos dos nossos contemporâneos deixam de sentir a Igreja como a sua casa espiritual.
7. A par da diminuição da prática religiosa, vislumbramos uma profunda fome de Deus e de sentido. A *alergia* à instituição eclesial não apaga a busca pelo sagrado, que continua vibrante, mesmo quando o diálogo é interrompido ou é difícil acreditar nas respostas. Neste contexto, a Igreja oferece à humanidade um horizonte de liberdade: resgata-nos da escravidão de sermos meros filhos do nosso tempo, devolvendo-nos raízes e a certeza de que a fé não é uma caminhada solitária. Se as gerações passadas foram fermento, cabe-nos agora não ocultar a luz de Cristo, para que sejamos uma comunidade diocesana que verdadeiramente ilumina e inspira (Mt 5, 14-16).
8. Envolvidos pelo amor salvífico de Deus, assumimos o mandato de “fazer discípulos” (Mt 28, 19), testemunhando a beleza e o sentido da fé em cada circunstância. O nosso discurso, nem sempre compreendido, precisa explorar novos meios para mostrar Jesus Cristo, falando ao coração do homem contemporâneo. Juntos precisamos olhar e propor caminhos que encurtem distâncias e permitam alcançar todos, incluindo os que já não nos pedem nada. Diante da indiferença, queremos propor a beleza da fé e ser uma Igreja que convida e acolhe, propõe e forma, ajudando cada um a redescobrir a sua alma, a aproximar-se de Deus e a valorizar a pertença à comunidade cristã. Queremos ser mensageiros das surpresas do Evangelho, confiando que na Palavra de Deus reside a nossa garantia de esperança.
9. O mistério da Encarnação desafia-nos a abraçar plenamente a nossa humanidade e a nossa fé, vivendo a novidade de cada dia abertos às surpresas de Deus e ao encontro fraterno. Como discípulos, acolhemos o chamamento à santidade e, porque crer é optar pela Vida, desejamos ser o fermento que transforma a história a partir de dentro (Mt 13, 33). Mais do que diagnósticos, o caminho sinodal pede-nos a coragem de assumirmos juntos o seguimento de Jesus Cristo. É para Ele que caminhamos, pois só n’Ele encontramos “palavras de vida eterna” (Jo 6, 68).

O Espírito Santo faz de nós sujeitos

10. Inspirados pelos grandes documentos da Igreja e pelo recente caminho sinodal, reafirmamos que ser discípulo missionário é a nossa vocação comum e o segredo do futuro da nossa diocese. É tempo de um novo impulso e de uma transformação interior que nos leve a testemunhar a vida em Cristo com maior vigor. O sínodo desafia-nos a ser uma Igreja em saída à imagem de Jesus, Aquele que percorreu caminhos diversos para encontrar todos, usando uma linguagem profunda, mas acessível. Com empatia, Jesus escutou, curou e acolheu cada história, revelando o rosto de um Pai que é puro amor. Ao curar corpos e espíritos, Jesus mostrou que a autoridade do Reino se manifesta no acolhimento e no serviço.

11. Pela graça do batismo, somos chamados a ser protagonistas deste sínodo, contribuindo com os dons que o Espírito distribuiu por cada um. Numa Igreja onde todos contam, reafirmamos que a comunhão é o oposto do isolamento: somos um corpo diocesano onde cada membro é vital para a missão. O sínodo será o nosso grande momento de encontro, permitindo-nos discernir, através do diálogo, as vias para o anúncio do Evangelho. Este é o momento de assumirmos, com verdade e coragem, uma conversão pastoral que responda aos desafios de hoje. É tempo de ousadia e de realismo, mas, acima de tudo, de uma confiança inabalável na graça que nos sustenta e no Senhor que nos acompanha e garante: “Eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21, 5).

A experiência de caminharmos juntos

12. Com o sínodo, a palavra é dada à comunidade para juntos darmos rosto ao futuro da nossa Igreja no Porto. As partilhas recentes foram essenciais para identificar as prioridades e os objetivos que agora nos guiam, desde a escolha do lema até à definição dos nossos eixos de ação. A formação cristã, a renovação das estruturas e a urgência missionária formam um todo indissociável: queremos aprofundar o nosso saber para sermos as testemunhas que o mundo atual exige, adotando formas de agir que promovam a proximidade e a conversão ao Evangelho.

13. Nas 477 paróquias que compõem a nossa diocese, mas também noutras comunidades (secretariados, universidade, escolas, grupos, movimentos), seremos convidados a unir-nos em equipas sinodais. Através da oração e da escuta mútua, discerniremos juntos os caminhos da nossa Igreja, criando uma síntese que servirá de alicerce ao trabalho da Assembleia Sinodal, de onde sairão propostas a apresentar ao Bispo Diocesano para aprovação e promulgação, contribuindo para definir os passos futuros da nossa missão evangelizadora.

14. O lema do nosso sínodo, **‘Ser Porto: Formar – Reformar – Transformar’**, surgiu do contributo de muitos e traduz a nossa visão e a nossa identidade de Igreja diocesana: uma comunidade acolhedora que congrega a diversidade e se alegra na unidade. Assumimo-nos como uma grande comunidade cristã de portas abertas, onde o respeito pelo próximo é a base para partirmos juntos em missão e ao encontro da concretização dos sonhos que nos unem.

15. O compromisso de **Formar** nasce da vontade de crescer e capacitar a comunidade para os desafios atuais. Seguindo o apelo bíblico de testemunhar a nossa esperança (1Pd 3, 15), procuramos uma formação que, mais do que elevar o intelecto, transforme o nosso modo de ser. Já o ato de **Reformar** foca-se na melhoria das nossas estruturas, tornando a instituição mais ágil e funcional para a missão. Trata-se de reorganizar para melhor servir, ajustando-nos às circunstâncias do presente. O horizonte final é **Transformar**: alcançar uma conversão pastoral autêntica e uma evangelização inspirada no Evangelho. Esta mudança só será real se formos nós, individual e coletivamente, os protagonistas desta transformação, iluminados pelo Espírito Santo e amparados pela graça de Deus.

16. Ao longo dos próximos meses, viveremos a graça do nosso sínodo diocesano, com o desejo de que este evento se torne um processo contínuo, pois “o caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milénio” (*Francisco, Cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos, 2015*). Convidamos todos a acompanhar e participar nas etapas deste roteiro:

- 24 maio de 2026 (Pentecostes): Publicação do Decreto de convocação do sínodo diocesano;
- setembro a dezembro de 2026: ciclo de catequeses sinodais em toda a diocese;
- janeiro a junho de 2027: encontros das equipas sinodais para diálogo e discernimento, cuja síntese dará origem ao *Instrumento de Trabalho*;
- 08 dezembro de 2027: apresentação oficial do *Instrumento de Trabalho*;
- janeiro a abril de 2028: realização das três sessões da Assembleia Sinodal;
- 04 junho de 2028 (Pentecostes): Encerramento do Sínodo e divulgação das Propostas Sinodais.

Todos convocados e amparados pela oração

17. Vivemos um tempo único na nossa diocese, onde a participação de cada um é esperada e valorizada. Uma das formas mais profundas de colaborar é através da oração, suplicando ao Espírito Santo que guie os nossos passos na construção de uma Igreja mais formada, participativa e missionária. Imploramos os Seus dons para que saibamos ler os sinais dos tempos, discernir com sabedoria as decisões futuras e fortalecer-nos na unidade e no serviço.

Em todo este percurso, colocamo-nos sob o olhar atento e maternal de Nossa Senhora da Assunção, padroeira da nossa diocese, que por nós intercede e continuamente nos convida a escutar e a seguir prontamente a vontade do seu Filho (Jo 2, 5).

Porto, 04 de junho de 2026,
Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo

D. Manuel Linda
D. Vitorino Soares
D. Joaquim Dionísio
D. Roberto Mariz

II. Hino do Sínodo Diocesano

I

Do Marão até à Foz,
Terra de Santa Maria,
Diocese a uma voz,
Com vigor e harmonia:
Ser mais Porto.

II

Muitos rostos, um destino,
Povo unido na missão;
O Sínodo é caminho
De fé e renovação:
Esperança.

III

Ó Senhora da Assunção,
Nossa excelsa padroeira,
Amparai com vossa mão
Esta Igreja mensageira
Em Missão.

IV

Basileu é fundador
Desta Igreja que persiste
Firme na fé e no amor
E na 'sp'rança não desiste
Do louvor.

V

Aqui nasceu São Rosendo,
E Mafalda em paz repousa,
Onde Barroso, vencendo,
Indica a missão que ousa
Fé mais viva.

VI

São Gonçalo lança a ponte
Onde passa a nossa estrada;
Irmã Maria, à fonte
Do Coração, abrasada
Nos conduz.

VII

Sílvia Cardoso é perfume
No silêncio da bondade;
Pai Américo ao lume
Do fogo da caridade
Dá fulgor.

VIII

Jesus Cristo nos transforma
E ao mundo nos envia;
Ele nos renova e forma
Para viver na alegria
Do seu Dia.

IX

Pontes em vez de barreiras,
Porta aberta a quem bater,
Para abrir novas clareiras
E novo tudo fazer
Só em Cristo.

X

Glória ao Pai e glória ao Filho,
Em Espírito e verdade,
Só a Deus louvor e brilho,
No tempo e na eternidade.
Amen. Amen.

Ser Porto: Formar, Reformar, Transformar

Hino do Sínodo Diocesano

Texto: Pe. João Peixoto

Música: Eugénio Amorim

Andante vivo ♩ = ca. 86-90

Voz

1. Do Ma - rão a - té à Foz, Ter - ra de San -
 2. Mui - tos ros - tos, um des - ti - no, Po - vo u - ni - do
 3. Ó Se - nho - ra da As - sun - ção, Nos - sa ex - cel - sa
 4. Ba - si - leu é fun - da - dor Des - ta I - gre - ja
 5. A - qui nas - ceu São Ro - sen - do, E Ma - fal - da em
 6. São Gon - ça - lo lan - ça a pon - te On - de pas - sa a
 7. Síl - via Car - do - so é per - fu - me No si - lên - cio
 8. Je - sus Cris - to nos trans - for - ma e ao mun - do
 9. Pon - tes em vez de bar - rei - ras, Por - ta a - ber - ta a
 10. Gló - ria ao Pai e gló - ria ao Fi - lho, Em Es - pí - ri -

Órgão

(Ped.)

4

Voz

1. ta Ma - ri - a, Di - o - ce - se a u - ma voz,
 2. na mis - são; O Sí - no - do é ca - mi - nho
 3. pa - dro - ei - ra, Am - pa - rai com vos - sa mão
 4. que per - sis - te Fir - me na fé e no a - mor,
 5. paz re - pou - sa, On - de Bar - ro - so, ven - cen - do,
 6. nos - sa es - tra - da; Ir - mã Ma - ri - a, à fon - te
 7. da bon - da - de; Pai A - mé - ri - co ao lu - me
 8. nos en - vi - a; E - le nos re - no - va e for - ma
 9. quem ba - ter, Pa - ra a - brir no - vas cla - rei - ras
 10. to e ver - da - de, Só a Deus lou - vor e bri - lho,

Org.

7

Voz

1. Com vi - gor e har - mo - ni - a: Ser mais Por - to,
 2. De fê e re - no - va - ção: Es - pe - ran - ça,
 3. Es - ta I - gre - ja men - sa - gei - ra Em Mis - são,
 4. E na es - p'ran - ça não de - sis - te Do lou - vor,
 5. In - di - ca a mis - são que ou - sa Fé mais vi - va,
 6. Do Co - ra - ção, a - bra - sa - da nos con - duz,
 7. Do fo - go da ca - ri - da - de Dá ful - gor,
 8. pa - ra vi - ver na a - le - gri - a Do seu Di - a,
 9. E no - vo tu - do fa - zer Só em Cris - to,
 10. No tem - po e na e - ter - ni - da - de. A - men, A - men,

Org.

10

Voz

1. ser mais Por - to, ser mais Por - to.
 2. es - pe - ran - ça, es - pe - ran - ça.
 3. em mis - são, em mis - são.
 4. do lou - vor, do lou - vor.
 5. Fé mais vi - va, Fé mais vi - va.
 6. nos con - duz, nos con - duz.
 7. dá ful - gor, dá ful - gor.
 8. do seu Di - a, do seu Di - a.
 9. só em Cris - to, só em Cris - to.
 10. A - men, A - men, A - men, A - men.

Org.

Ser Porto: Formar, Reformar, Transformar

Hino do Sínodo Diocesano

Texto: Pe. João Peixoto

Música: Eugénio Amorim

Andante vivo ♩ = ca. 86-90

S

1. Do Ma - rão a - té à Foz, Ter - ra de San -
2. Mui - tos ros - tos, um des - ti - no, Po - vo u - ni - do
3. Ó Se - nho - ra da As - sun - ção, Nos - sa ex - cel - sa
4. Ba - si - leu é fun - da - dor Des - ta I - gre - ja
5. A - qui nas - ceu São Ro - sen - do, E Ma - fal - da em
6. São Gon - ça - lo lan - ça a pon - te On - de pas - sa a
7. Síl - via Car - do - so é per - fu - me No si - lên - cio
8. Je - sus Cris - to nos trans - for - ma E ao mun - do
9. Pon - tes em vez de bar - rei - ras, Por - ta a - ber - ta a
10. Gló - ria ao Pai e gló - ria ao Fi - lho, Em Es - pí - ri -

A

1. Do Ma - rão a - té à Foz, Ter - ra de San -
2. Mui - tos ros - tos, um des - ti - no, Po - vo u - ni - do
3. Ó Se - nho - ra da As - sun - ção, Nos - sa ex - cel - sa
4. Ba - si - leu é fun - da - dor Des - ta I - gre - ja
5. A - qui nas - ceu São Ro - sen - do, E Ma - fal - da em
6. São Gon - ça - lo lan - ça a pon - te On - de pas - sa a
7. Síl - via Car - do - so é per - fu - me No si - lên - cio
8. Je - sus Cris - to nos trans - for - ma E ao mun - do
9. Pon - tes em vez de bar - rei - ras, Por - ta a - ber - ta a
10. Gló - ria ao Pai e gló - ria ao Fi - lho, Em Es - pí - ri -

T

1. Do Ma - rão a - té à Foz, Ter - ra de San -
2. Mui - tos ros - tos, um des - ti - no, Po - vo u - ni - do
3. Ó Se - nho - ra da As - sun - ção, Nos - sa ex - cel - sa
4. Ba - si - leu é fun - da - dor Des - ta I - gre - ja
5. A - qui nas - ceu São Ro - sen - do, E Ma - fal - da em
6. São Gon - ça - lo lan - ça a pon - te On - de pas - sa a
7. Síl - via Car - do - so é per - fu - me No si - lên - cio
8. Je - sus Cris - to nos trans - for - ma E ao mun - do
9. Pon - tes em vez de bar - rei - ras, Por - ta a - ber - ta a
10. Gló - ria ao Pai e gló - ria ao Fi - lho, Em Es - pí - ri -

B

1. Do Ma - rão a - té à Foz, Ter - ra de San -
2. Mui - tos ros - tos, um des - ti - no, Po - vo u - ni - do
3. Ó Se - nho - ra da As - sun - ção, Nos - sa ex - cel - sa
4. Ba - si - leu é fun - da - dor Des - ta I - gre - ja
5. A - qui nas - ceu São Ro - sen - do, E Ma - fal - da em
6. São Gon - ça - lo lan - ça a pon - te On - de pas - sa a
7. Síl - via Car - do - so é per - fu - me No si - lên - cio
8. Je - sus Cris - to nos trans - for - ma E ao mun - do
9. Pon - tes em vez de bar - rei - ras, Por - ta a - ber - ta a
10. Gló - ria ao Pai e gló - ria ao Fi - lho, Em Es - pí - ri -

Andante vivo ♩ = ca. 86-90

Org.



2

4

S

1. ta Ma - ri - a, Di - o - ce - se a u - ma voz,
 2. na mis - são; O Sí - no - do é ca - mi - nho
 3. pa - dro - ei - ra, Am - pa - rai com vos - sa mão
 4. que per - sis - te. Fir - me na fé e no a - mor,
 5. paz re - pou - sa, On - de Bar - ro - so, ven - cen - do,
 6. nos - sa es - tra - da; Ir - mã Ma - ri - a à fon - te
 7. da bon - da - de; Pai A - mé - ri - co ao lu - me
 8. nos en - vi - a; E - le nos re - no - va e for - ma
 9. quem ba - ter, Pa - ra a - brir no - vas cla - rei - ras
 10. to e ver - da - de, Só a Deus lou - vor e bri - lho

A

1. ta Ma - ri - a, Di - o - ce - se a u - ma voz,
 2. na mis - são; O Sí - no - do é ca - mi - nho
 3. pa - dro - ei - ra, Am - pa - rai com vos - sa mão
 4. que per - sis - te. Fir - me na fé e no a - mor,
 5. paz re - pou - sa, On - de Bar - ro - so, ven - cen - do,
 6. nos - sa es - tra - da; Ir - mã Ma - ri - a à fon - te
 7. da bon - da - de; Pai A - mé - ri - co ao lu - me
 8. nos en - vi - a; E - le nos re - no - va e for - ma
 9. quem ba - ter, Pa - ra a - brir no - vas cla - rei - ras
 10. to e ver - da - de, Só a Deus lou - vor e bri - lho

T

8

1. ta Ma - ri - a, Di - o - ce - se a u - ma voz,
 2. na mis - são; O Sí - no - do é ca - mi - nho
 3. pa - dro - ei - ra, Am - pa - rai com vos - sa mão
 4. que per - sis - te. Fir - me na fé e no a - mor,
 5. paz re - pou - sa, On - de Bar - ro - so, ven - cen - do,
 6. nos - sa es - tra - da; Ir - mã Ma - ri - a à fon - te
 7. da bon - da - de; Pai A - mé - ri - co ao lu - me
 8. nos en - vi - a; E - le nos re - no - va e for - ma
 9. quem ba - ter, Pa - ra a - brir no - vas cla - rei - ras
 10. to e ver - da - de, Só a Deus lou - vor e bri - lho

B

1. ta Ma - ri - a, Di - o - ce - se a u - ma voz,
 2. na mis - são; O Sí - no - do é ca - mi - nho
 3. pa - dro - ei - ra, Am - pa - rai com vos - sa mão
 4. que per - sis - te. Fir - me na fé e no a - mor,
 5. paz re - pou - sa, On - de Bar - ro - so, ven - cen - do,
 6. nos - sa es - tra - da; Ir - mã Ma - ri - a à fon - te
 7. da bon - da - de; Pai A - mé - ri - co ao lu - me
 8. nos en - vi - a; E - le nos re - no - va e for - ma
 9. quem ba - ter, Pa - ra a - brir no - vas cla - rei - ras
 10. to e ver - da - de, Só a Deus lou - vor e bri - lho

Órg.

7

S

1. Com vi - gor e har - mo - ni - a: Ser mais Por - to,
 2. De fé e re - no - va - ção: Es - pe - ran - ça,
 3. Es - ta I - gre - ja men - sa - gei - ra Em Mis - são.
 4. E na es - p'ran - ça não de - sis - te Do lou - vor,
 5. In - di - ca a mis - são que ou - sa Fé mais vi - va,
 6. Do Co - ra - ção, a - bra - sa - da Nos con - duz,
 7. Do fo - go da ca - ri - da - de Dá ful - gor,
 8. Pa - ra vi - ver na a - le - gri - a Do seu Di - a,
 9. E no - vo tu - do fa - zer Só em Cris - to,
 10. No tem - po e na e - ter - ni - da - de. A - men, A - men,

A

1. Com vi - gor e har - mo - ni - a: Ser mais Por - to,
 2. De fé e re - no - va - ção Es - pe - ran - ça,
 3. Es - ta I - gre - ja men - sa - gei - ra Em Mis - são.
 4. E na es - p'ran - ça não de - sis - te Do lou - vor,
 5. In - di - ca a mis - são que ou - sa Fé mais vi - va,
 6. Do Co - ra - ção, a - bra - sa - da Nos con - duz,
 7. Do fo - go da ca - ri - da - de Dá ful - gor,
 8. Pa - ra vi - ver na a - le - gri - a Do seu Di - a,
 9. E no - vo tu - do fa - zer Só em Cris - to,
 10. No tem - po e na e - ter - ni - da - de. A - men, A - men,

T

8

1. Com vi - gor e har - mo - ni - a: Ser mais Por - to,
 2. De fé e re - no - va - ção Es - pe - ran - ça,
 3. Es - ta I - gre - ja men - sa - gei - ra Em mis - são.
 4. E na es - p'ran - ça não de - sis - te Do lou - vor,
 5. In - di - ca a mis - são que ou - sa Fé mais vi - va,
 6. Do Co - ra - ção, a - bra - sa - da Nos con - duz,
 7. Do fo - go da ca - ri - da - de Dá ful - gor,
 8. Pa - ra vi - ver na a - le - gri - a Do seu Di - a,
 9. E no - vo tu - do fa - zer Só em Cris - to,
 10. No tem - po e na e - ter - ni - da - de. A - men, A - men,

B

1. Com vi - gor e har - mo - ni - a: Ser mais Por - to,
 2. De fé e re - no - va - ção Es - pe - ran - ça,
 3. Es - ta I - gre - ja men - sa - gei - ra Em mis - são.
 4. E na es - p'ran - ça não de - sis - te Do lou - vor,
 5. In - di - ca a mis - são que ou - sa Fé mais vi - va,
 6. Do Co - ra - ção, a - bra - sa - da Nos con - duz,
 7. Do fo - go da ca - ri - da - de Dá ful - gor,
 8. Pa - ra vi - ver na a - le - gri - a Do seu Di - a,
 9. E no - vo tu - do fa - zer Só em Cris - to,
 10. No tem - po e na e - ter - ni - da - de. A - men, A - men,

Org.

4

10

S

1. ser mais Por - to, ser mais Por - to.
 2. es - pe - ran - ça, es - pe - ran - ça.
 3. em mis - são, em mis - são.
 4. do lou - vor, do lou - vor.
 5. Fé mais vi - va, Fé mais vi - va.
 6. nos con - duz, nos con - duz.
 7. dá ful - gor, dá ful - gor.
 8. do seu Di - a, do seu Di - a.
 9. só em Cris - to, só em Cris - to.
 10. A - men, A - men, A - men, A - men.

A

1. ser mais Por - to, ser mais Por - to.
 2. es - pe - ran - ça, es - pe - ran - ça.
 3. em mis - são, em mis - são.
 4. do lou - vor, do lou - vor.
 5. Fé mais vi - va, Fé mais vi - va.
 6. nos con - duz, nos con - duz.
 7. dá ful - gor, dá ful - gor.
 8. do seu Di - a, do seu Di - a.
 9. só em Cris - to, só em Cris - to.
 10. A - men, A - men, A - men, A - men.

T

8

1. ser mais Por - to, ser mais Por - to.
 2. es - pe - ran - ça, es - pe - ran - ça.
 3. em mis - são, em mis - são.
 4. do lou - vor, do lou - vor.
 5. Fé mais vi - va, Fé mais vi - va.
 6. nos con - duz, nos con - duz.
 7. dá ful - gor, dá ful - gor.
 8. do seu Di - a, do seu Di - a.
 9. só em Cris - to, só em Cris - to.
 10. A - men, A - men, A - men, A - men.

B

1. ser mais Por - to, ser mais Por - to.
 2. es - pe - ran - ça, es - pe - ran - ça.
 3. em mis - são, em mis - são.
 4. do lou - vor, do lou - vor.
 5. Fé mais vi - va, Fé mais vi - va.
 6. nos con - duz, nos con - duz.
 7. dá ful - gor, dá ful - gor.
 8. do seu Di - a, do seu Di - a.
 9. só em Cris - to, só em Cris - to.
 10. A - men, A - men, A - men, A - men.

Órg.

III.

Oração pelo Sínodo Diocesano

Espírito Santo!
Eis-nos aqui, diante de Vós:
vinde a nós, ficai connosco,
dignai-Vos habitar em nossos corações.
Somos pobres, débeis e pecadores,
mas é em vosso nome que nos reunimos
em Sínodo Diocesano.
Sede Vós a ensinar-nos o caminho a percorrer,
a sugerir e efetivar as nossas decisões
e acompanhai-nos com o vosso auxílio,
unidos na verdade e na caridade,
e impelidos pela inabalável esperança
que em nós acendeis.
Concedei-nos humildade para escutar,
franqueza para falar,
e dar testemunho das vossas aspirações.
Que a ignorância não nos extravie,
não nos desvie a aceção de pessoas,
nem nos corrompam ambições ou medos.
Vós, que formais o Corpo de Cristo,
reformai-nos e transformai-nos
para sermos a Igreja do Porto que quereis,
e Cristo faça novas todas as coisas.
Assim, agradando-Vos sempre e em tudo,
pelo fiel desempenho
da nossa responsabilidade
receberemos um dia o prémio eterno
da comunhão convosco,
que com o Pai e o Filho sois um só Deus,
pelos séculos dos séculos.
AMEN.

IV. Calendário do Sínodo

De setembro a dezembro 2026

Sintonizar o Sínodo:
Encontros de (in)formação sinodais nas Vigararias

De janeiro a junho de 2027

Encontros dos grupos sinodais

8 de dezembro de 2027

Apresentação do Instrumento de
Trabalho do Sínodo Diocesano

Janeiro de 2028

Primeira Sessão da Assembleia Sinodal

Fevereiro de 2028

Segunda Sessão da Assembleia Sinodal

Março de 2028

Terceira Sessão da Assembleia Sinodal

4 de junho de 2028

Encerramento do Sínodo Diocesano

Sintonizar o Sínodo: **Encontros de (in)formação sinodais nas Vigararias**

Setembro

- 26 – Espinho e Ovar – em Cortegaça (09h30)

Outubro

- 3 – Oliveira de Azeméis – São João da Madeira – em São João da Madeira (09h30)
- 3 – Secretariados Diocesanos – Seminário do Bom Pastor (09h30)
- 10 – Santo Tirso – em Burgães (09h30)
- 10 – Paredes – em Paredes (09h30)
- 16 – Castelo de Paiva – Penafiel – em Castelo de Paiva (09h30)
- 17 – Oliveira de Azeméis – São João da Madeira (09h30)
- 17 – Porto Nascente – Casa Diocesana de Vilar (09h30)
- 17 – Porto Poente – Casa Diocesana de Vilar (09h30)
- 17 – Castelo de Paiva e Penafiel – em Castelo de Paiva (09h30)
- 17 – Lousada – em Sousela (09h30)
- 24 – Castelo de Paiva – Penafiel – em Penafiel (09h30)
- 24 – Felgueiras – em Lagares (09h30)
- 24 – Amarante – no Centro Pastoral de Amarante (09h30)
- 24 – Baião – em Campelo (09h30)
- 24 – Marco de Canaveses – em Avelãs (09h30)
- 24 – Penafiel e Castelo de Paiva – em Penafiel (09h30)
- 28 – Paços de Ferreira – em Carvalhosa (09h30)
- 31 – Valongo – em Alfena (09h30)

Novembro

- 7 – Matosinhos – em Leça da Palmeira (09h30)
- 7 – Santa Maria da Feira – em Gião (09h30)
- 14 – Arouca e Vale de Cambra – em Mansores (09h30)
- 14 – Gondomar – em São Pedro da Cova (09h30)
- 21 – Maia – em Gueifães (09h30)
- 28 – Gaia Norte – em Mafamude (09h30)
- 28 – Trofa e Vila do Conde – em Guilhabreu (09h30)

Dezembro

- 12 – Gaia Sul – em Arcozelo (09h30)

V.

Sintonizar o Sínodo: **Encontros Vicariais**

Proposta de programa

- 9h30: Oração inicial (oração e hino do Sínodo) e palavra de abertura do Bispo
- 9h45: Catequese sinodal vicarial
- 10h30: Intervalo
- 11h00: Trabalhos de grupo segundo a metodologia da Conversação no Espírito
- 12h30: Plenário

Catequese Sinodal Vicarial: Uma visão de conjunto

Quem somos?

- Ecclesiológia de comunhão: Trindade → Igreja → Reino → Peregrinação
- Sinodalidade como dimensão constitutiva da Igreja: Estilo eclesial → Conversão Pastoral → Fraternidade e Comunhão
- Corresponsabilidade batismal e participação de todos na missão da Igreja: Batismo → Corresponsabilidade → Participação

Como vivemos?

- Discernimento pessoal e comunitário: Palavra de Deus → Sinais dos Tempos → Missão
- Método de Conversação no Espírito: Em caminho → Na escuta → No Espírito

Catequese Sinodal Vicarial

Texto elaborado pela Comissão Teológico-Pastoral do Sínodo

1. Ecclesiológia de comunhão

1.1. A Trindade: Fonte da Comunhão Eclesial

Fundamento: A Igreja nasce da comunhão trinitária

No princípio não está a solidão, mas a comunhão: No princípio da Igreja não está a Igreja. Está Deus. E Deus não é solidão, mas comunhão. Antes de qualquer missão, de qualquer ministério ou de qualquer estrutura, existe o mistério do Pai, do Filho e do Espírito Santo, cuja vida é relação, dom e amor. A Igreja nasce precisamente desta vida que a precede e a torna possível. Por isso, a comunhão não é um objetivo pastoral nem uma estratégia para fortalecer as comunidades. É a forma própria da existência cristã, porque nasce da participação na própria vida de Deus. Tudo o resto deriva daqui. A missão, os ministérios, a sinodalidade e o discernimento só encontram o seu verdadeiro sentido quando permanecem ligados à sua fonte. Quando esquecemos este fundamento, a comunhão reduz-se facilmente a consenso, organização ou boa convivência. Quando o recuperamos, compreendemos que a Igreja não inventa a comunhão: recebe-a como dom e aprende continuamente a vivê-la.

«Com a Trindade não queremos multiplicar Deus. O que queremos é expressar a experiência singular de que Deus é comunhão e não solidão, é amor que se difunde com outros amores que cria». (Leonardo Boff, *A Trindade é a melhor comunidade*, Editora Vozes 2009).

1.2. Comunhão: Igreja-Sacramento

Manifestação: a comunhão torna-se visível na vida da Igreja

A comunhão faz-se história, e o seu nome é Igreja: Aquilo que Deus é desde sempre torna-se história na Igreja. A comunhão invisível da Trindade adquire um rosto, uma

palavra, uma comunidade concreta. É por isso que o Concílio afirma que a Igreja é como que um sacramento: sinal e instrumento da comunhão de Deus com a humanidade. A Igreja não existe para falar de si própria. Existe para deixar transparecer o Outro. A sua credibilidade não depende, antes de mais, da eficácia das suas estruturas, mas da transparência com que deixa reconhecer, através da sua vida, a presença daquele Deus que congrega sem uniformizar e une sem apagar a diferença. Sempre que a Igreja gera comunhão, cumpre a sua vocação mais profunda. Sempre que a comunhão se fragiliza, obscurece-se também aquilo que ela é chamada a manifestar ao mundo.

«A Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano» (II Concílio do Vaticano, *Lumen Gentium*, n.º 1).

1.3. Igreja-Sacramento: Princípio do Reino

Horizonte: A Igreja caminha sempre para além de si mesma

A comunhão não termina na Igreja; abre-se ao Reino: A Igreja nunca constitui o termo do caminho. A sua razão de ser encontra-se sempre para além dela própria, no Reino de Deus que Cristo inaugurou e que o Espírito continua a fazer crescer na história. É por isso que o Concílio lhe chama «germe e princípio do Reino»: não porque o substitua, mas porque o anuncia, o serve e o antecipa. Esta consciência impede qualquer tentativa de autorreferencialidade. A Igreja não vive voltada para si; vive voltada para o Reino. Toda a sua vida (a evangelização, a liturgia, a caridade, o diálogo com a cultura) encontra aqui o seu critério e a sua medida. Quanto mais a Igreja se aproxima do Reino, menos ocupa o centro e mais deixa que seja Deus a ocupar esse lugar.

«[A Igreja] recebe a missão de anunciar e instaurar o Reino de Cristo e de Deus em todos os povos e constitui o germe e o princípio deste mesmo Reino na terra» (II Concílio do Vaticano, *Lumen Gentium*, n.º 5).

1.4. Reino-a-caminho: Peregrinação-para-o-Reino

Condição: a sinodalidade exprime o modo de caminhar de uma Igreja peregrina

Carácter peregrinante da Igreja, condição da sinodalidade: Se o Reino permanece promessa e esperança, então também a Igreja permanece caminho. Não possui ainda a plenitude; vive dela como promessa. A sua condição é, por isso, peregrina. Caminha através da história, aprende, discerne, converte-se e recomeça. É neste horizonte que a sinodalidade encontra o seu verdadeiro significado. Não nasce de uma necessidade organizativa nem de uma reforma institucional. Nasce da consciência de que ninguém percorre sozinho o caminho do Evangelho e de que o Espírito continua a conduzir o Povo de Deus através da escuta recíproca, do discernimento comum e da procura humilde da vontade do Senhor. Talvez seja esta a imagem mais bela da Igreja: um povo que caminha, não porque já chegou, mas porque acredita na promessa daquele que o precede e o espera.

«A intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante» (Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, n.º 23).

2. Sinodalidade como dimensão construtiva da Igreja

«Devemos continuar por esta estrada. O mundo, em que vivemos e que somos chamados a amar e servir mesmo nas suas contradições, exige da Igreja o reforço das sinergias em todas as áreas da sua missão. O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milénio. Aquilo que o Senhor nos pede, de certo modo está já tudo contido na palavra «Sínodo». Caminhar

juntos – leigos, pastores, Bispo de Roma – é um conceito fácil de exprimir em palavras, mas não é assim fácil pô-lo em prática» (Papa Francisco, *Discurso na Comemoração do Cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*).

2.1. A sinodalidade torna operativa a eclesiologia de comunhão

A ‘sinodalidade’ é um neologismo abstrato que deriva do termo grego “sínodo” composto pela partícula σύν (com) e o substantivo ὁδός (caminho) e indica o caminho feito em conjunto pelo Povo de Deus. No grego eclesiástico, exprime a convocação como assembleia dos discípulos de Jesus e em alguns casos é sinónimo da comunidade eclesial.

Seria um anacronismo procurar, na Sagrada Escritura, eventos sinodais como hoje se conhecem e realizam. Contudo, a revelação bíblica e, de modo particular, o Novo Testamento apresentam as raízes fundamentais do exercício da sinodalidade, na Igreja Primitiva. O Livro dos Atos dos Apóstolos apresenta importantes momentos do caminho da Igreja Apostólica, onde o Povo de Deus é chamado ao exercício comunitário do discernimento da vontade de Deus e do seu projeto salvífico. Paradigmático é o trecho evangélico da Assembleia de Jerusalém (At 15,1-35), onde encontramos a base da primeira teologia da sinodalidade, traduzindo a necessidade de que, nas comunidades, as decisões sejam tomadas em conjunto, porém, cada um a seu modo e de acordo com os seus carismas e ministérios. (Cf. Gianfranco Ravasi, *Fondamenti biblici della sinodalità*, in Lorenzo Baldisseri (ed.), *A cinquant’anni dall’Apostolica sollicitudo. I Sinodo dei Vescovi al servizio di una Chiesa sinodale*. Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano 2017).

Desde as origens, o princípio sinodal é a concretização pastoral, característica da eclesiologia de comunhão, e exprime a consciência de uma comum responsabilidade por toda a Igreja. O Concílio Vaticano II, apesar de não utilizar o termo sinodalidade nos seus documentos, aponta os pressupostos teológicos para um pertinente desenvolvimento e aprofundamento da sinodalidade, sobretudo na Constituição Dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*: a eclesiologia de comunhão, a Igreja Povo de Deus reunido na unidade do Pai, Filho e Espírito Santo, onde todos os seus membros são inseridos em Cristo pelo Batismo e revestidos da mesma dignidade de filhos e corresponsáveis na única missão eclesial. Portanto, a sinodalidade impôs-se na linguagem eclesial pós-conciliar e reúne uma temática tão ampla quanto a Igreja, porque a teologia da sinodalidade é um desenvolvimento original e homogêneo do evento conciliar e do seu magistério eclesiológico.

A sinodalidade reenvia a condições teológicas fundamentais (eclesiologia de comunhão; convergência da pluralidade na unidade; acolhimento da diversidade; dinâmica fraterna nas relações; consciência episcopal de pertença e representação de uma realidade fundada sobre a identidade do sacramento, sobre a unicidade da Palavra e sobre a comunhão existente entre as Igrejas Particulares; entre outros), mas, ao mesmo tempo também, os instrumentos jurídicos que consentem a sua realização. (Cf. LG1-8; Comissão Teológica Internacional, *A Sinodalidade na Vida e na Missão da Igreja*, n.s 8-9; *Documento Final da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, n.s 15-42)

2.2. Estilo eclesial para uma permanente conversão pastoral

«Espero que todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão. Neste momento, não nos serve uma «simples administração».

Constituamo-nos em «estado permanente de missão», em todas as regiões da terra» (Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, n.º 25).

A conversão pastoral, insistentemente proposta pelo Papa Francisco e retomada do Concílio Vaticano II, não é, apenas, como tinha pedido o papa João XXIII no Concílio, uma simples tradução em linguagem corrente dos tesouros da tradição cristã, mas o recuperar de toda a tradição, no diálogo evangelizador da comunidade crente com o mundo. O Concílio Vaticano II e a eclesiologia de comunhão que nele está presente apresentam a conversão pastoral como abertura a uma reforma permanente, na fidelidade a Jesus Cristo, como conversão no sentido bíblico e teológico, como conversão pastoral de todos os agentes pastorais. Dito de outro modo, é o permanente apelo à *Ecclesia semper reformanda* e *Ecclesia semper purificanda* que sublinha e coloca em prática a comunhão como chave de leitura para uma renovada eclesiologia. (Cf. Giovanni Tangorra, *Riforma*, in G. Calabrese – P. Goyret – O. F. Piazza (ed.), *Dizionario di Eclesiologia*, Città Nuova, Roma 2010, p. 1207)

A sinodalidade é, efetivamente, o aspeto visível da comunhão, que não é um vago afeto, nem a simples reciprocidade das consciências, mas uma realidade ontológica (a comunhão trinitária na qual nós participamos) chamada a exprimir-se, de modo correspondente, na vida eclesial e nas relações daqueles que compõem a Igreja. Deste modo, a sinodalidade não é uma técnica pastoral ou uma estratégia para o agir eclesial, mas um estilo eclesial para uma permanente conversão pastoral: «o significado da *re-forma* pode ser duplo: antes de mais nada, torná-la *con-forme* à Boa Nova que deve ser proclamada jubilosa e corajosamente a todos, especialmente aos pobres, aos últimos e aos descartados; *con-forme* aos sinais do nosso tempo e a tudo o que de bom alcançou o homem, para melhor atender às exigências dos homens e das mulheres que somos chamados a servir» (Papa Francisco) (Cf. Papa Francisco, *Discurso à Cúria Romana para as tradicionais felicitações natalícias, 22 de dezembro de 2016*).

2.3. Caminho de fraternidade, comunhão e unidade

A sinodalidade enquanto lugar de comunhão e unidade na diversidade de dons, carismas e ministérios, reclama uma redescoberta da fraternidade cristã como condição fundamental para «caminhar juntos». Para combater a globalização da indiferença, a autorreferencialidade e privatização da fé é prioritário, para a comunidade cristã, colocar no centro da atenção o cuidado das relações, como espaço vital onde se pode experimentar o acolhimento incondicionado e a escuta, num empenho de formação permanente, tendo como fim a edificação de uma comunidade capaz de reconhecer os diversos carismas, de valorizar as competências e partilhar as responsabilidades. Cuidar das pessoas e das relações contribui para gerar estilos de vida autênticos de encontro e comunicação através de relações interpessoais atentas a cada pessoa, considerando um testemunho de amor de Deus a promoção de relações maduras, capazes de reciprocidade e de proximidade (Cf. Papa Francisco, *Carta Encíclica Fratelli Tutti*, n.º 198-225).

Na comunidade cristã, todos os Batizados são enriquecidos com dons para partilhar, cada um segundo a sua vocação e a sua condição de vida. As diversas vocações eclesiais são, de facto, expressões múltiplas e articuladas do único chamamento batismal à santidade e à missão. A variedade dos carismas, que tem a sua origem na liberdade do Espírito Santo, tem como objetivo a unidade do Corpo eclesial de Cristo (cf. LG 32) e a missão nos diversos lugares e culturas (cf. LG 12). Estes dons não são propriedade exclusiva de quem os recebe e exerce, nem podem ser motivo de reivindicação para si ou para um grupo. Também através de uma adequada pastoral vocacional, eles são chamados a contribuir tanto para a vida da comunidade cristã, como para o desenvolvimento da sociedade nas suas múltiplas dimensões (Cf. *Documento Final da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, n.º 57).

A sinodalidade reclama também uma valorização dos organismos de participação e corresponsabilidade: «uma Igreja sinodal baseia-se na existência, na eficiência e na vitalidade efetiva, e não apenas nominal, destes órgãos de participação, bem como no seu funcionamento de acordo com as disposições canónicas ou os costumes legítimos e no respeito pelos estatutos e regulamentos que os regem. Por esta razão devem ser obrigatórios, como exigido em todas as etapas do processo sinodal, e podem desempenhar plenamente o seu papel, não de modo puramente formal, mas de forma adequada aos diversos contextos locais (*Documento Final da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, n.º 104).

3. Corresponsabilidade Batismal e participação de todos na missão da Igreja

É necessário e urgente despertar a consciência de que a missão da Igreja é de todos os batizados: «Em todos os batizados, desde o primeiro ao último, atua a força santificadora do Espírito que impele a evangelizar. O povo de Deus é santo em virtude desta unção, que o torna infalível *«in credendo»*, ou seja, ao crer, não pode enganar-se, ainda que não encontre palavras para explicar a sua fé. O Espírito guia-o na verdade e condu-lo à salvação. Como parte do seu mistério de amor pela humanidade, Deus dota a totalidade dos fiéis com um instinto da fé – o *sensus fidei* – que os ajuda a discernir o que vem realmente de Deus. A presença do Espírito confere aos cristãos uma certa conaturalidade com as realidades divinas e uma sabedoria que lhes permite captá-las intuitivamente, embora não possuam os meios adequados para expressá-las com precisão». (Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, n.º 119)

3.1. A nossa identidade maior: ser batizado

«Já não há judeu nem grego... pois todos vós sois um só em Cristo Jesus» (Gl 3, 27-28). «Todos nós, judeus ou não-judeus, escravos ou livres, fomos batizados num só Espírito, para formarmos um só corpo. E todos recebemos o mesmo Espírito» (1 Cor 12, 13).

Antes de sermos leigos, padres ou membros de grupos paroquiais, somos Batizados. Esta é a nossa identidade fundamental, que nos iguala em dignidade e nos enxerta no mesmo Corpo de Cristo. «O primeiro sacramento, que sela para sempre a nossa identidade, e do qual deveríamos ser sempre orgulhosos, é o batismo» (Papa Francisco, *Carta ao Cardeal Marc Ouellet*, 19 de março de 2016).

Provocação: Somos membros da Igreja ou apenas «clientes» que vêm consumir sacramentos e serviços?

3.2. Da Colaboração à Corresponsabilidade

«Cada um, como bom administrador dos bens de Deus, ponha à disposição dos outros a graça que dele recebeu» (1Pe 4, 10). Bento XVI recordou-nos que os leigos não devem ser «colaboradores» da hierarquia, mas sim «corresponsáveis» pelo ser e agir da Igreja. O que é colaborar? O que é ser corresponsável?

Colaborar é ajudar na agenda de outro; o leigo é visto como um «braço direito» que executa o que o pároco decide. Ser Corresponsável é partilhar o peso do discernimento, o risco da decisão e o futuro da comunidade. A missão da Igreja não pertence ao clero, pertence a todos os batizados. «Não podemos refletir sobre o tema do laicado ignorando uma das maiores deformações que a América Latina [e também Portugal] deve enfrentar— e para a qual peço que dirijais uma atenção particular — o clericalismo» (Papa Francisco, *Carta ao Cardeal Marc Ouellet*). O perigo do clericalismo, tanto o dos padres (que querem controlar tudo) como o dos leigos (que se demitem e esperam que o padre resolva tudo).

3.3. Carismas, Ministérios e Participação

«Num mesmo corpo há vários membros e cada um tem a sua função. Assim também nós, que somos muitos, formamos um só corpo em união com Cristo e estamos unidos uns aos outros como membros do mesmo corpo» (Rom 12, 4-5).

«Vós sois o corpo de Cristo e cada um, pela sua parte, é um membro. E aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar, apóstolos; em segundo, profetas; em terceiro, mestres; em seguida, há o dom dos milagres, depois o das curas, o das obras de assistência, o de governo e o das diversas línguas» (1 Cor 12, 27-28).

Como é que isto se traduz no quotidiano da comunidade? A corresponsabilidade exige estruturas que a permitam acontecer.

A Diversidade de Carismas: O Espírito Santo distribui dons a todos (escuta, organização, arte, ensino, caridade). Descobrir o próprio carisma é o primeiro passo para a participação.

Lugares de participação: Conselhos Pastorais, Conselhos Económicos, equipas de animação – espaços reais de discernimento partilhado.

A participação dos leigos não se esgota nas tarefas da paróquia... A sua missão principal é transformar o mundo: na família, no trabalho, na política, na cultura. Como nos dizia São João Paulo II sobre os leigos: «Jesus quer que eles, como todos os Seus discípulos, sejam sal da terra e luz do mundo» (*Christifideles Laici*, n. 7).

4. O discernimento pessoal e comunitário

4.1. Discernir para melhor seguir o Senhor

«O discernimento não é necessário apenas em momentos extraordinários, quando temos de resolver problemas graves ou quando se deve tomar uma decisão crucial; mas é um instrumento de luta, para seguir melhor o Senhor. É-nos sempre útil, para sermos capazes de reconhecer os tempos de Deus e a sua graça, para não desperdiçarmos as inspirações do Senhor, para não ignorarmos o seu convite a crescer. Frequentemente isto decide-se nas coisas pequenas, no que parece irrelevante, porque a magnanimidade mostra-se nas coisas simples e diárias. Trata-se de não colocar limites rumo ao máximo, ao melhor e ao mais belo, mas ao mesmo tempo concentrar-se no pequeno, nos compromissos de hoje. Por isso, peço a todos os cristãos que não deixem de fazer cada dia, em diálogo com o Senhor que nos ama, um sincero exame de consciência. Ao mesmo tempo, o discernimento leva-nos a reconhecer os meios concretos que o Senhor predispõe, no seu misterioso plano de amor, para não ficarmos apenas pelas boas intenções» (Papa Francisco, *Gaudete et Exsultate*, n.º 169).

«Quando perscrutamos na presença de Deus os caminhos da vida, não há espaços que fiquem excluídos. Em todos os aspetos da existência, podemos continuar a crescer e dar algo mais a Deus, mesmo naqueles em que experimentamos as dificuldades mais fortes. Mas é necessário pedir ao Espírito Santo que nos liberte e expulse aquele medo que nos leva a negar-Lhe a entrada nalguns aspetos da nossa vida. Aquele que pede tudo, também dá tudo, e não quer entrar em nós para mutilar ou enfraquecer, mas para levar à perfeição. Isto mostra-nos que o discernimento não é uma autoanálise presuntuosa, uma introspeção egoísta, mas uma verdadeira saída de nós mesmos para o mistério de Deus, que nos ajuda a viver a missão para a qual nos chamou a bem dos irmãos» (Papa Francisco, *Gaudete et Exsultate*, n.º 175).

4.2. O discernimento eclesial para a missão

«Para promover relações capazes de sustentar e orientar a missão da Igreja, é uma exigência prioritária o exercício da sabedoria evangélica que permitiu à comunidade apostólica de Jerusalém selar o resultado do primeiro evento sinodal com as palavras: «O Espírito Santo e nós decidimos» (Act 15,28). É o discernimento que podemos qualificar de “eclesial”, exercido pelo Povo de Deus em vista da missão. O Espírito, que o Pai enviou em nome de Jesus e que ensina todas as coisas (cf. Jo 14,26), guia os crentes em todos os tempos “para a verdade plena” (Jo 16,13). Pela sua presença e sua ação contínua, a “tradição apostólica progride na Igreja sob a assistência do Espírito Santo” (DV 8). Invocando a sua luz, o Povo de Deus, participante da função profética de Cristo (cf. LG 12), “esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e aspirações, em que participa juntamente com os homens de hoje, quais são os verdadeiros sinais da presença ou da vontade de Deus” (GS 11). Tal discernimento serve-se de todos os dons de sabedoria que o Senhor distribui na Igreja e enraíza-se no *sensus fidei* comunicado pelo Espírito a todos os Batizados. É neste espírito que a vida da Igreja sinodal missionária deve ser entendida e reorientada» (*Documento Final da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, n.º 81).

«O discernimento eclesial não é uma técnica organizativa, mas uma prática espiritual a ser vivida na fé. Requer liberdade interior, humildade, oração, confiança recíproca, abertura à novidade e abandono à vontade de Deus. Nunca é a afirmação de um ponto de vista pessoal ou de um grupo, nem se resolve na simples soma de opiniões individuais; cada um, falando segundo a sua consciência, abre-se à escuta daquilo que os outros em consciência partilham, para procurarem juntos reconhecer “o que o Espírito diz às Igrejas” (Ap 2,7). Prevendo o contributo de todas as pessoas envolvidas, o discernimento eclesial é ao mesmo tempo condição e expressão privilegiada da sinodalidade, na qual se vive juntos a comunhão, a missão e a participação. Quanto mais todos forem ouvidos, mais rico será o discernimento. Por isso, é fundamental promover uma ampla participação nos processos de discernimento, com particular atenção ao envolvimento dos que estão à margem da comunidade cristã e da sociedade» (*Documento Final da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, n.º 82).

4.3. Critérios e itinerários do discernimento eclesial

O discernimento para ser verdadeiramente eclesial e fiel aos apelos do Espírito deve ser realizado mediante um processo pessoal, comunitário e orante. Não é uma estratégia ou técnica de otimização pastoral, mas um processo de perscrutação da voz de Deus que se revela no coração da história, através da Palavra revelada e nas circunstâncias de cada tempo e lugar:

«O discernimento comunitário implica a escuta atenta e corajosa dos “gemidos do Espírito” (Rm 8,26) que abrem caminho por meio do grito, explícito ou mesmo mudo, que sobem do povo de Deus: “escuta de Deus, até ouvir com Ele o grito do povo; escuta do povo, até respirar aí a vontade para qual Deus nos chama” Os discípulos de Cristo devem ser “contemplativos da Palavra e contemplativos do povo de Deus”. O discernimento deve se desenvolver em um espaço de oração, de meditação, de reflexão e do estudo necessário para escutar a voz do Espírito; mediante um diálogo sincero, sereno e objetivo com os irmãos e as irmãs; com atenção às experiências e aos problemas reais de cada comunidade e de cada situação; no intercâmbio de dons e na convergência de todas as energias em vista da edificação do Corpo de Cristo e do anúncio do Evangelho; no crisol da purificação dos afetos e dos pensamentos que torna possível a inteligência da vontade do Senhor. Na busca pela liberdade evangélica de qualquer obstáculo que possa enfraquecer a abertura ao Espírito (Comissão Teológica Internacional, *A Sinodalidade na Vida e na Missão da Igreja*, n. 114).

«A escuta da Palavra de Deus é o ponto de partida e o critério de todo o discernimento eclesial. De facto, as Sagradas Escrituras testemunham que Deus falou ao seu povo, a ponto de nos dar em Jesus a plenitude de toda a Revelação (cf. DV 2), e indicam os lugares onde podemos ouvir a sua voz. Deus comunica connosco em primeiro lugar na liturgia, porque é o próprio Cristo que fala “ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura” (SC 7). Deus fala através da Tradição viva da Igreja, do seu magistério, da meditação pessoal e comunitária das Escrituras e das práticas da piedade popular. Deus continua a manifestar-se através do grito dos pobres e dos acontecimentos da história da humanidade. Além disso, Deus comunica com o seu povo através dos elementos da criação, cuja própria existência remete para a ação do Criador e está repleta da presença do Espírito que dá vida.

Por fim, Deus fala também na consciência pessoal de cada um, que é “o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser” (GS 16). O discernimento eclesial exige o contínuo cuidado e formação das consciências e o amadurecimento do *sensus fidei*, para não negligenciar nenhum dos lugares onde Deus fala e vem ao encontro do seu povo» (*Documento Final da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, n. 83).

5. Método de conversação no Espírito

5.1. O método já é Igreja

Não usamos a Conversação no Espírito porque é um método eficaz. Usamo-la porque exprime aquilo que a Igreja é. Se a Igreja é comunhão, o *modo de caminhar* não pode contradizer aquilo que somos. O método não é um instrumento exterior à Igreja. É uma forma de viver a própria Igreja. *A meta começa no caminho*. O modo como caminhamos já anuncia aquilo que queremos ser. «O exercício do discernimento está no coração dos processos e dos eventos sinodais. Foi sempre assim na vida sinodal da Igreja. A eclesiologia de comunhão e a específica espiritualidade e praxe que dela derivam, envolvendo na missão todo o povo de Deus, fazem com que se torne “hoje mais do que nunca necessário educar-se nos princípios e nos métodos de um discernimento não apenas pessoal, mas também comunitário”. Trata-se de individuar e percorrer como Igreja, mediante a interpretação teologal dos sinais dos tempos sob a guia do Espírito Santo, o caminho a seguir a serviço do desígnio de Deus escatologicamente realizado em Cristo que quer realizar-se em cada *kairós* da história. O discernimento comunitário permite descobrir um chamado que Deus faz escutar em uma situação histórica determinada» (Comissão Teológica Internacional, *A Sinodalidade na Vida e na Missão da Igreja*, n. 113).

5.2. Escutar é criar espaço para o Espírito

Na *Conversação no Espírito*: não falamos imediatamente; não respondemos imediatamente; não debatemos imediatamente. **Escutamos! Escutamos Deus** de quem nos reconhecemos Povo que Ele mesmo conduz, em grande respeito da nossa liberdade de escolha. **Escutamolo** na Palavra, da qual sempre partimos, e no Espírito; no mais profundo de nós próprios (pelo que o silêncio é fundamental: nos momentos iniciais, após cada uma das duas primeiras “rondas”); em cada irmão (em tempos limitados e iguais).

Na dinâmica de reciprocidade, enraizada na comunhão trinitária, cada pessoa não escuta a outra para preparar a própria resposta, mas para alargar o olhar. Assim, juntos, poderemos vislumbrar os passos e o caminho que o Senhor possa estar a inspirar e que a “terceira ronda” particularmente exprimirá.

«Uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, ciente de que escutar «é mais do que ouvir». É uma escuta recíproca, onde cada um tem algo a aprender. Povo fiel, Colégio Episcopal, Bispo de Roma: cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo, o «Espírito da verdade» (Jo 14, 17), para conhecer aquilo que Ele «diz às Igrejas» (Ap2, 7)» (Papa Francisco, *Discurso na Comemoração do Cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*).

«Precisamos de nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir. Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual. Escutar ajuda-nos a individuar o gesto e a palavra oportunos que nos desinstalam da cómoda condição de espectadores. Só a partir desta escuta respeitosa e compassiva é que se pode encontrar os caminhos para um crescimento genuíno, despertar o desejo do ideal cristão, o anseio de corresponder plenamente ao amor de Deus e o anelo de desenvolver o melhor de quanto Deus semeou na nossa própria vida» (Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, n.º 171).

«Escutar não é o mesmo que intentar uma reforma organizativa. É antes a conversão à Palavra de Deus que nos fala e ao Espírito que sopra para que a barca da Igreja se mova na direção correta. É também ser sensível aos irmãos, particularmente aos que gritam ajuda por entre os destroços da sua vida. Somos nós esta comunidade que procura Deus e os irmãos para os escutarmos?» (D. Manuel Linda, Homilia na Ordenação de Presbíteros, 12.07.2026).

5.3. O Espírito fala "entre" nós

Não procuramos quem tem razão. Também não procuramos uma média, «mistura» ou mesmo síntese das opiniões. Nem, muito menos, a prevalência de uma (de quem fala mais e mais forte...) sobre as outras. Nem sequer uma votação.

Procuramos aquilo que o Espírito quer dizer e é «amplificado» na relação, como luz que se desvela quando caminhamos juntos. Porque o Espírito manifesta-se muitas vezes não apenas cada um, mas naquele «entre» como espaço de comunhão entre os seus buscadores.

Na *Conversação no Espírito*, ninguém perde a sua voz, mas todos permitem que o Espírito lhes dê uma voz nova.

«A conversação no Espírito é um instrumento que, mesmo com os seus limites, é fecundo para permitir a escuta e o discernimento do “que o Espírito diz às igrejas” (Ap 2,7). A sua prática suscitou alegria, espanto e gratidão e foi vivida como um caminho de renovação que transforma as pessoas, os grupos e a Igreja. A palavra “conversação” exprime algo mais do que um simples diálogo: ela entrelaça harmoniosamente pensamento e sentimento e gera um mundo vital partilhado. Por isso se pode dizer que na conversação está em jogo a conversão. Trata-se de um dado antropológico que se encontra em diferentes povos e culturas, unidos pela prática de se reunirem solidariamente para tratar e decidir as questões vitais para a comunidade. A graça leva ao cumprimento desta experiência humana: conversar “no Espírito” significa viver a experiência da partilha à luz da fé e da procura do querer de Deus, numa atmosfera evangélica em que o Espírito Santo pode fazer ouvir a sua voz inconfundível» (*Documento Final da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, n.º 45).

Um texto síntese...

A *Conversação no Espírito* não é simplesmente um método de trabalho nem uma

técnica de animação de grupos. É uma expressão concreta da própria natureza da Igreja.

Se acreditamos que a Igreja nasce da comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo, então também o nosso modo de discernir deve refletir essa comunhão. O caminho faz parte da meta.

Por isso, este método dá um lugar privilegiado ao silêncio, à Palavra (antes ainda das... palavras... nossas...), à oração, à escuta e ao respeito pelo ritmo de cada pessoa. Não pretende fazer vencer opiniões, nem construir compromissos mínimos. Procura reconhecer aquilo que o Espírito Santo faz nascer no coração de cada participante e, sobretudo, na relação entre todos.

A *Conversação no Espírito* parte da convicção de que cada batizado recebeu o Espírito Santo e tem algo a oferecer ao discernimento da comunidade. Escutar torna-se, assim, um verdadeiro ato de fé: acreditar que Deus pode falar através do irmão o que ainda mais é amplificado na relação.

Mais do que chegar rapidamente a decisões, este método ajuda-nos a tornar-nos uma Igreja em que caminhamos e discernimos juntos, em resposta aos desafios da missão e na Luz daquele de quem somos *Corpo e Povo*.

«“Caminhar em conjunto” não é um fim em si, mas é o procurar Deus para que Ele e só Ele constitua o centro da vida da Igreja» (D. Manuel Linda, Homilia na Ordenação de Presbíteros, 12.07.2026).

5.4. Explicação do Método da Conversação no Espírito

A partir do esquema proposto para o trabalho de grupo, explicar os diferentes passos do método.

6. Bibliografia

- Comissão Teológica Internacional, *A Sinodalidade na Vida e na Missão da Igreja*
- Concílio Vaticano II, *Constituição Dogmática Lumen Gentium*.
- Dario Vitali, *A caminho da sinodalidade*, Paulinas 2015.
- Georgino Rocha, *Igreja Sinodal: A alegria da missão na sociedade secularizada*, Tempo Novo 2016.
- Gianfranco Ravasi, *Fondamenti biblici della sinodalità*, in Lorenzo Baldisseri (ed.), *A cinquant'anni dall'Apostolica sollicitudo. I Sinodo dei Vescovi al servizio di una Chiesa sinodale*. Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano 2017.
- Giovanni Tangorra, *Riforma*, in G. Calabrese – P. Goyret – O. F. Piazza (ed.), *Dizionario di Ecclesiologia*, Città Nuova, Roma 2010, p. 1207.
- Juan Alonso, *La Iglesia es Sinodal*, Sal Terrae, 2022.
- Leonardo Boff, *A Trindade é a melhor comunidade*, Editora Vozes 2009.
- Papa Francisco – Secretaria Geral do Sínodo, *Para uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação e Missão. Documento Final da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, Paulinas 2024.
- Papa Francisco, *Carta ao Cardeal Marc Ouellet, 19 de março de 2016*.
- Papa Francisco, *Carta Encíclica Fratelli Tutti*.
- Papa Francisco, *Discurso à Cúria Romana para as tradicionais felicitações natalícias, 22 de dezembro de 2016*.
- Papa Francisco, *Discurso na Comemoração do Cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos, 17 de outubro de 2015*.
- Papa Francisco, *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*.
- Papa Francisco, *Exortação Apostólica Gaudete et Exultate*.
- Papa João Paulo II, *Exortação Apostólica Pós-sinodal Christifideles Laici*.
- Sérgio Leal, *O caminho sinodal com o Papa Francisco*, Paulinas 2021.
- *Sinodalidade na Igreja. Os desafios da comunhão*, in Didaskalia 14 (2015).

VI.

Descrição do método da *Conversação no Espírito*

Preparação

- Escolher um moderador (para moderar o tempo e o uso da palavra de cada um) e um secretário (para registrar apenas aquilo que se quer partilhar em plenário, se for o caso);
- Todo o processo deve decorrer em oração, silêncio e partilha, sempre na escuta do Espírito e na escuta uns dos outros;
- Este esquema está preparado para grupos de 8 pessoas cada.

Questão para escuta, discernimento e proposta

Partir da valorização do sentido de pertença e implicação na vida da comunidade para olhar o caminho percorrido, percebendo quais os sinais de conversão pastoral já presentes na vida das comunidades. Para unir o caminho sinodal da Igreja do Porto com o caminho do Sínodo da Igreja Universal, a questão inspira-se na proposta da Secretaria-Geral do Sínodo para a fase de implementação do Sínodo da Igreja Universal. As duas questões são objeto da reflexão pessoal, mas a segunda será objeto da partilha no trabalho de grupo.

Questões: *Qual tem sido o meu contributo para uma Igreja sinodal missionária? Que novos caminhos de sinodalidade estão a surgir na comunidade?*

Passos do Método

0. Preparação Pessoal (10 min.)

Em silêncio, cada um lê o texto proposto para reflexão e procura responder às questões propostas. As duas questões são objeto da reflexão pessoal, mas a segunda será objeto da partilha no trabalho de grupo.

1. Primeira Ronda – Tomar a Palavra e Escutar (3 min. por pessoa)

- Todos intervêm, cada um por sua vez e com a mesma duração uns dos outros [máximo de 3 minutos cada pessoa], para partilhar o fruto da oração, em relação à questão colocada;
- Nesta ronda, não há discussão e todos os participantes simplesmente escutam com profundidade cada pessoa e prestam atenção à forma como o Espírito Santo se move dentro de si mesmos, na pessoa que fala e no grupo como um todo;
- Segue-se um tempo de silêncio para registrar os movimentos interiores de cada um [3 minutos];
- *Em suma, esta primeira ronda deve ocupar cerca de 27 minutos, no máximo: 24 minutos para partilha-escuta de cada um e 3 minutos para silêncio.*

2. Segunda Ronda – Abrir espaço para os outros e para o Outro (2 min. por pessoa)

- Os participantes partilham (um de cada vez e sem se interromperem) o que mais os impressionou na primeira ronda e que moções sentiu durante o tempo de silêncio [máximo de 2 minutos cada pessoa];
- Depois deste momento segue-se, uma vez mais, um tempo de silêncio [3 minutos];
- *Em suma, esta segunda ronda deve ocupar cerca de 19 minutos no máximo: 16 para partilha-escuta de cada um e 3 para silêncio.*

3. Terceira Ronda – Construir Juntos (20 minutos)

- Os participantes refletem sobre o que parece ter mais repercussão na conversação e o que lhes tocou mais profundamente. Podem organizar a sua proposta a partir do seguinte esquema: pontos de convergência, questões a aprofundar e propostas.
- O momento de diálogo pode terminar com algumas orações espontâneas de gratidão.
- Os participantes devem decidir sobre aquilo que desejam comunicar e apresentar como síntese no plenário: partilhar **uma proposta no plenário** e apresentar **5 por escrito**. O secretário anotarás apenas os pontos que vão ser apresentados em plenário de modo sintético.
- Esta ronda pode durar cerca de 20 minutos.

Conversação no Espírito

Uma dinâmica de discernimento na Igreja Sinodal



Silêncio,
oração e escuta
da Palavra de Deus

"TOMAR A PALAVRA E ESCUTAR"

Todos se revezam para falar de suas próprias experiências e orações, e ouvem atentamente a contribuição dos outros.

Silêncio e
oração



Silêncio e
oração

"CONSTRUINDO JUNTOS"

Dialogamos juntos a partir do que surgiu anteriormente para discernir e colher os frutos da conversa no Espírito: reconhecendo percepções e convergências; identificando discordâncias, obstáculos e outras perguntas; permitindo o surgimento de vozes proféticas. É importante que todos possam se sentir representados pelo resultado do trabalho. "Que passos o Espírito Santo está nos chamando a dar juntos?"

PREPARAÇÃO PESSOAL

Confiando-se ao Pai, dialogando em oração com o Senhor Jesus e escutando o Espírito Santo, cada um prepara sua própria contribuição sobre a questão para a qual foi chamado a discernir.



"ABRIR ESPAÇO PARA OS OUTROS E PARA O OUTRO"

Cada um compartilha, a partir do que os outros disseram, o que mais ressoou com ele ou o que despertou mais resistência nele, permitindo que ele seja guiado pelo Espírito Santo: «Quando, ao escutar, meu coração ardia em meu peito?»



ORAÇÃO FINAL DE AÇÃO DE GRAÇAS

Um texto para a conversação no Espírito

Atos dos Apóstolos 15,1-6

1 Entretanto, alguns homens, que tinham descido da Judeia, começaram a ensinar aos irmãos: «Se não vos circuncidardes, segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos. **2** Gerou-se, assim, uma intensa discórdia e argumentação, em que Paulo e Barnabé se lhes opuseram. Decidiram, então, que Paulo e Barnabé, e mais alguns de entre eles, subissem a Jerusalém, junto dos apóstolos e dos anciãos a propósito desta controvérsia. **3** Assim, enviados pela Igreja, eles atravessaram a Fenícia e a Samaria, onde iam narrando a conversão dos pagãos, o que causava uma grande alegria a todos os irmãos. **4** Chegados a Jerusalém, foram recebidos pela Igreja, pelos apóstolos e pelos anciãos, e contaram tudo o que Deus realizara com eles. **5** Levantaram-se, então, alguns da facção dos fariseus, que tinham abraçado a fé, e disseram: «É necessário circuncidá-los e ordenar-lhes que guardem a lei de Moisés». **6** Reuniram-se, então, os apóstolos e os anciãos para examinar o assunto.

1. Diálogo na divergência: Paulo e Barnabé discordam dos judeu-cristãos, mas fazem-no em atitude de diálogo, mostrando que na Igreja pode haver debate sem transformar o outro em inimigo.

2. Da discórdia à argumentação: O texto distingue a divisão da argumentação. O caminho sinodal começa quando a discórdia fica para trás e se procura levar adiante apenas a reflexão e o discernimento.

3. Toda a Igreja como sujeito ativo: A comunidade inteira é envolvida no processo, não apenas os apóstolos e anciãos. A Igreja, enquanto povo, participa no discernimento.

4. Reunir para examinar racionalmente: Perante divergências, a resposta é reunir-se para analisar o assunto com razão, deixando de lado animosidades, preconceitos e vontade de impor a própria posição.

5. Caminhar no Espírito: A decisão final deve ser discernida em consonância com o Espírito Santo. Mais do que vencer uma discussão, importa que o processo seja autêntico e permita continuar a caminhar juntos.

VII. Perguntas frequentes sobre o Sínodo Diocesano

Procuramos responder, de forma simples, às perguntas mais frequentes, sobre o Sínodo Diocesano. Pretendemos ajudar a compreender o que é o Sínodo, porque é importante e como pode participar neste caminho comum.

1. O que significa a palavra *Sínodo*?

A palavra Sínodo vem da língua grega (*syn-hodos*) e significa *caminho conjunto* ou *caminhar juntos*. Esta expressão indica que a Igreja procura discernir a vontade de Deus, através da participação de todo o Povo Santo e não apenas de alguns. Por isso, pode dizer-se que a Igreja é Sínodo (São João Crisóstomo).

2. O que é um Sínodo diocesano?

Um Sínodo diocesano é uma Assembleia, convocada pelo Bispo diocesano. Reúne padres, diáconos, religiosos e religiosas e fiéis leigos de toda a Diocese, para refletir, dialogar e discernir em conjunto sobre a vida e a missão da Igreja Local. Não se trata de mais uma reunião de trabalho, mas de um verdadeiro processo espiritual e eclesial, orientado pela oração e pela escuta do Espírito Santo, que envolve toda a Diocese. Mais do que um evento pontual, o Sínodo é um convite a viver, de forma permanente, um modo diferente de ser Igreja.

3. O que significa *sinodalidade*?

A sinodalidade é o modo de *ser Igreja*, em que todos os batizados são chamados a participar, escutar, dialogar e assumir responsabilidades na missão comum. Sob a ação do Espírito Santo, a comunidade eclesial procura discernir, em conjunto, os caminhos a seguir e pô-los em prática. É este estilo que se pretende aprofundar, para que se torne habitual nas nossas comunidades e não aconteça apenas durante o Sínodo.

4. O que significa *discernimento*?

Discernir é procurar reconhecer, em conjunto, aquilo que o Espírito Santo sugere para o *hoje* da Igreja. Não se trata de um simples debate, em ordem a uma decisão por maioria. É sobretudo um caminho espiritual, em que a decisão é precedida pela oração, pela escuta e pelo diálogo. Quanto mais todos forem ouvidos, mais rico poderá ser o discernimento.

5. Qual o método usado nos encontros sinodais?

O método usado é a *Conversação no Espírito*. Trata-se de uma forma de diálogo feita em clima de oração, silêncio e escuta, para procurar em conjunto a vontade de Deus. Normalmente acontece em pequenos grupos e em três momentos principais. *Primeiro*, cada pessoa partilha, sem interrupções nem debate, o fruto da sua oração e reflexão pessoal. *Depois*, cada participante diz o que mais o tocou na escuta dos outros, procurando reconhecer os sinais do Espírito Santo. *Por fim*, o grupo dialoga para identificar pontos de convergência e formular propostas concretas.

6. Qual é o objetivo de um Sínodo diocesano?

A sinodalidade tem uma finalidade missionária: ajudar a Diocese a discernir os caminhos pastorais mais adequados para responder aos desafios de hoje à luz do Evangelho. O Sínodo quer escutar a realidade concreta das comunidades e refletir sobre temas como a família, os jovens, a diminuição do clero e a presença da Igreja no mundo digital. A partir desse caminho, serão preparadas orientações para ajudar a definir as prioridades pastorais da Diocese nos anos seguintes.

7. Quem pode participar?

Todos podem participar. Para além dos membros formalmente convocados pelo Bispo para participar nas Assembleias Sinodais (padres, diáconos, religiosos e leigos representantes de paróquias, movimentos, associações e instituições, etc.), o Sínodo procura envolver o maior número possível de pessoas, especialmente nas fases de auscultação, que precedem a Assembleia Sinodal. Mesmo quem não é membro sinodal, qualquer católico da Diocese — e até pessoas de outras confissões ou sem filiação religiosa — pode partilhar a sua visão, através de questionários, encontros comunitários, grupos sinodais ou outras iniciativas.

8. Qual é o papel dos leigos no Sínodo?

Os fiéis leigos, como todos os outros fiéis, são protagonistas do Sínodo. Pelo Batismo e pela Confirmação, todos os fiéis — leigos, religiosos e ministros ordenados — participam na missão da Igreja, cada qual segundo a sua condição e missão. Por isso, os fiéis leigos são chamados a oferecer ao discernimento sinodal a sua própria vivência cristã: a experiência quotidiana da fé, a presença no mundo, os seus ministérios e carismas, bem como a sua visão sobre a vida das comunidades e os sinais dos tempos. Os fiéis leigos são parte integrante e ativa deste processo sinodal.

9. Porque é tão importante a escuta?

Porque o Espírito Santo é original e inexaurível: ninguém esgota sozinho toda a sua riqueza. Escutar é reconhecer que Ele pode falar através de qualquer pessoa — mesmo daquela cuja voz raramente é ouvida — e que todos têm algo a dizer e a oferecer.

10. Porque é que a minha participação é importante?

Porque todos os batizados, em razão da sua própria vocação, têm o direito e o dever de participar na vida e missão da comunidade cristã. *Caminhar juntos* significa que ninguém deve ficar à margem do processo de escuta, discernimento e decisão. Por isso, quem não faz parte dos órgãos sinodais é também convidado a participar nas fases de auscultação, sobretudo através dos grupos sinodais.

11. Quanto tempo dura o Sínodo diocesano?

O Sínodo da nossa Diocese foi convocado a 24 de maio de 2026, na Solenidade de Pentecostes, e terminará dois anos depois, na mesma Solenidade, a 4 de junho de 2028.

12. Quais as fases do Sínodo diocesano?

O Sínodo diocesano, após um período preliminar, em que se definiram o seu lema, os temas principais, o Regulamento e a sua estrutura organizativa, tem as seguintes fases:

- **a) Fase preparatória:** constituição e trabalho dos grupos sinodais (precedida e acompanhada pela preparação espiritual e formação sinodal dos participantes), auscultação sobre os vários temas, recolha dos contributos e elaboração da respetiva síntese, que dará origem ao *Instrumento de Trabalho*, com a definição dos temas a tratar na Assembleia Sinodal.
- **b) Assembleia Sinodal:** sessões e celebrações formais onde, na base do trabalho precedente e sempre na docilidade ao Espírito Santo, se formulam as propostas a submeter ao Bispo Diocesano.
- **c) Fase de receção:** depois de promulgadas pelo Bispo, as conclusões devem ser acolhidas e aplicadas em toda a Diocese.

13. Como se toma uma decisão no processo sinodal?

As decisões nascem da escuta atenta da Palavra de Deus e dos sinais dos tempos, da oração, do diálogo respeitoso e do discernimento comunitário. Mais do que uma simples maioria de votos, procura-se, na docilidade ao Espírito Santo, chegar a um verdadeiro consenso, que reflita aquilo que a Diocese, no seu conjunto, reconhece como o caminho a seguir. Na Igreja, todos ajudam no discernimento, mas cabe à autoridade pastoral tomar a decisão final. Na Diocese, esse serviço de autoridade pertence ao Bispo, em virtude da missão confiada por Cristo aos apóstolos e aos seus sucessores.

14. O Sínodo pretende mudar a doutrina da Igreja?

Não. O objetivo do Sínodo diocesano é discernir como anunciar, celebrar e viver o Evangelho, de forma cada vez mais fiel e eficaz na nossa Diocese, respondendo aos desafios concretos que hoje enfrentamos.

15. Qual a diferença entre um Sínodo diocesano e o Sínodo dos Bispos (em Roma)?

São realidades diferentes, embora relacionadas. O Sínodo dos Bispos é uma instituição da Igreja universal. Convocado pelo Papa, reúne bispos de todo o mundo para tratar de temas relevantes para toda a Igreja Católica. O Sínodo diocesano é uma assembleia local, própria de cada Diocese, convocada pelo respetivo Bispo, e centra-se nas realidades e desafios concretos dessa Diocese em particular.

16. O Sínodo diocesano é uma espécie de parlamento?

Não. Embora exista diálogo, debate e partilha de opiniões diferentes, o Sínodo não funciona como um parlamento político, por lógica de partidos ou maiorias. O centro do processo é o discernimento espiritual e a procura conjunta da vontade de Deus, para a nossa Diocese.

17. Quem convoca e preside ao Sínodo diocesano?

Compete ao Bispo diocesano convocar o Sínodo, presidi-lo e, no final, promulgar as suas conclusões. O Sínodo é um instrumento ao serviço do Bispo, no exercício do seu ministério de governo pastoral, mas vivido em corresponsabilidade com todo o Povo de Deus.

18. As decisões do Sínodo são obrigatórias?

As conclusões de um Sínodo diocesano, uma vez promulgadas pelo Bispo, tornam-se orientações oficiais para toda a Diocese. Consoante a sua natureza, podem assumir a forma de normas concretas, de linhas de ação pastoral ou de orientações gerais, que hão de nortear a ação pastoral das paróquias, movimentos e instituições diocesanas nos anos seguintes.

19. O que muda numa comunidade que vive a sinodalidade?

Uma comunidade que vive a sinodalidade torna-se mais participativa: diferentes pessoas escutam-se mutuamente e procuram discernir juntas os caminhos pastorais a seguir, partilham responsabilidades, em vez de deixar essa tarefa apenas a cargo do pároco ou de um pequeno grupo.

20. Qual é o maior desafio da sinodalidade?

Viver a sinodalidade pede uma mudança real na forma como cada fiel e cada comunidade escutam, participam e decidem. Implica aprender a escutar antes de falar, a discernir antes de decidir, a colaborar em vez de competir. Promover a comunhão e a participação de todos os fiéis batizados na missão da Igreja é o desafio que o nosso Sínodo diocesano propõe a cada um de nós.

21. Como posso participar ou saber mais?

A forma concreta de participação varia consoante a fase em que o Sínodo se encontrar: rezar pelo Sínodo, invocando incessantemente o Espírito Santo; acompanhar as comunicações oficiais; participar nos encontros de formação e nos grupos sinodais de auscultação; responder com franqueza aos questionários ou consultas que forem lançados; dialogar com o pároco ou com os responsáveis pastorais sobre como se envolver e partilhar reflexões, inquietações e propostas com os membros dos órgãos sinodais.

22. Qual é o lema escolhido para o Sínodo Diocesano?

O lema do nosso Sínodo é *Ser Porto: Formar – Reformar – Transformar*. *Ser Porto* exprime a nossa identidade como Igreja diocesana: uma comunidade acolhedora, porto de abrigo, de partida e de chegada, que reúne a diversidade e se alegra na unidade. *Formar* aponta para o crescimento e a capacitação dos fiéis e das comunidades perante os desafios atuais. *Reformar* lembra a necessidade de melhorar estruturas e modos de funcionamento, para que sirvam melhor a missão e estejam mais conformes ao Evangelho. *Transformar* é o horizonte final: uma verdadeira conversão pastoral e uma evangelização inspirada no Evangelho. Esta mudança só será real se formos nós, individual e coletivamente, os protagonistas desta transformação, iluminados pelo Espírito Santo e amparados pela graça de Deus.

VIII. Ligações úteis

Para além dos conteúdos reunidos neste subsídio, são disponibilizados outros recursos digitais sobre o Sínodo Diocesano, que permitem acompanhar melhor o processo sinodal, consultar documentos de referência e aceder a informação atualizada. Estes materiais podem ser consultados de forma simples através dos QR Code apresentados abaixo, correspondentes ao Regulamento Geral do Sínodo, ao Calendário Pastoral Diocesano e ao Site do Sínodo.



Regulamento Geral do Sínodo



Calendário Pastoral Diocesano 2026 – 2027



Website do Sínodo Diocesano

com o apoio



CLÉRIGOS